



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

4 | 2009

Ponto Urbe 4

Santos Urbanos: experiência de catolicismo na cidade

Flávia Slompo Pinto



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1722>

DOI: 10.4000/pontourbe.1722

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Flávia Slompo Pinto, « Santos Urbanos: experiência de catolicismo na cidade », *Ponto Urbe* [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2009, consultado o 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1722> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1722

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 Maio 2019.

© NAU

Santos Urbanos: experiência de catolicismo na cidade

Flávia Slompo Pinto

- 1 O presente artigo é decorrente de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada entre agosto de 2006 e julho de 2007, sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo Rômulo Machado de Almeida, do Departamento de Antropologia da Unicamp, e financiada pelo CNPq; pesquisa a qual levava o título “Hexis Sagrada: constructos de juventude vocacionada na Fraternidade Toca de Assis”. Os questionamentos suscitados com esse trabalho forneceram o sumo para uma monografia, também sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo de Almeida, e uma nova bolsa de Iniciação Científica, desta feita da FAPESP e iniciada no presente mês de agosto de 2008, com duração prevista para um ano e cujo título é “Juventude e Religião: Éticas e Estéticas para uma Juventude Santa”, pesquisa em que me atenho à temática da Juventude na formação de novos tipos de religiosidade no interior do catolicismo e do pentecostalismo evangélico, os quais atualmente vêm fundando novos modelos de santidade voltados para o público jovem, diante do qual vem obtendo muito sucesso.
- 2 A primeira fase da Iniciação Científica propôs um estudo sobre a Fraternidade Toca de Assis, uma comunidade católica constituída por jovens¹ que tomam os centros das grandes cidades como local privilegiado de sua expressão religiosa, atuando nos espaços da rua a partir de uma peregrinação urbana em busca dos moradores de rua, a fim de exercerem uma ação salvacionista sobre os mesmos. Seus objetivos partiam de uma questão acerca do desenvolvimento da vocação religiosa em torno destes jovens e em que medida a Fraternidade obtinha seu sucesso em torno deste segmento. Já a segunda fase da Iniciação Científica tem como objeto a Fraternidade Toca de Assis e um contraponto evangélico com a Crash Church Underground Ministry.
- 3 Para a presente apresentação, atenho-me a elementos do método e da pesquisa de campo realizada durante o período citado no que concerne ao tema das práticas do catolicismo da Fraternidade Toca de Assis em relação à cidade e ao seu alvo de salvação no interior das cidades, a saber, os moradores de rua. Além disso, me atenho a uma pequena discussão bibliográfica acerca dos temas juventude, religião e as dinâmicas da religião no

mundo contemporâneo. Ainda que incipiente, tal artigo traz uma primeira tentativa de demonstração da aproximação da Fraternidade Toca de Assis enquanto uma experiência nova e única de catolicismo nos centros das grandes metrópoles, envolvendo uma religiosidade específica, pautada nos elementos simbólicos acionados em torno da pobreza urbana e tendo como seus pertencentes uma juventude de classe média que abandona seu posicionamento econômico-social em prol de uma “mendicância sagrada”.

Objeto de Investigação

- 4 Eles são jovens, vestem largos mantos franciscanos marrons, têm seus cabelos raspados e peregrinam pelos centros das grandes metrópoles com os pés descalços. São meninos e meninas que decidiram deixar de morar na casa de seus pais para entrarem em uma vida religiosa cuja missão principal é viver na pobreza. Eles são pertencentes da Fraternidade Toca de Assis, uma comunidade católica criada na cidade de Campinas há 14 anos. Os pertencentes da Toca de Assis já foram meus interlocutores em uma pesquisa de Iniciação Científica realizada nos anos de 2006 e 2007, quando, a partir da pesquisa de campo e do recolhimento de trajetórias de vida, o estudo tinha por objetivo compreender de que modo uma vida religiosa tão radical e conservadora fazia sucesso exatamente entre jovens, e como se dava o processo de construção da vocação² entre os mesmos. Essa pesquisa evidenciou uma lógica de pertença religiosa a operar por um viés de construção de identidades que extrapolavam o espaço religioso a partir de um modelo de santidade que possuía eficácia entre o segmento jovem na medida em que se conectava a ideários do comportamento juvenil.
- 5 Constatei que para serem aceitos pela Fraternidade os jovens devem se desfazer de seus bens materiais, raspar o cabelo (tanto os homens como as mulheres), fazer juramento de castidade, mudar de nome e mudar-se para a cidade que lhes é destinada, munidos de apenas alguns itens de vestuário íntimo e duas peças de roupa fabricadas e entregues pela Fraternidade. Este processo de desprovisionamento opera uma composição simbólica que acaba por conferir aos pertencentes um não-status e uma posição de marginalidade sagrada construída em oposição aos elementos bem posicionados da estrutura social e em semelhança a elementos-páreas da estrutura social (Douglas, 1979). Desse modo, o sagrado é alcançado através de um desprovisionamento material e simbólico que a Fraternidade nomeia com a expressão *tornar-se pobre*; e através de uma profunda aproximação dos pertencentes das pessoas em situação de pobreza econômica. Na prática, buscam uma ação salvacionista (Weber, 1982) sobre a população adulta que habita as ruas dos centros das cidades – conhecidos, no vocabulário mais recorrente, por moradores de rua, mendigos, esmoleiros e nomeados pela Fraternidade com a expressão *irmãos de rua*³.
- 6 Peregrinos e missionários, os pertencentes da Toca de Assis utilizam a cidade como espaço de atuação religiosa por excelência, acionando diariamente itinerários a pé pelas ruas, praças e viadutos em busca de seu alvo salvacionista, tais itinerários são compostos com o objetivo de ir a busca da população adulta que habita as ruas, por eles referida como “irmãos de rua”, para fornecer aos mesmos uma espécie peculiar de assistencialismo conectado à noção de pobreza e salvação existentes na Fraternidade. Desse modo, os pertencentes da Toca de Assis acabam por acionar os mesmos itinerários já anteriormente acionados por estes adultos que fizeram das ruas o lugar de seu cotidiano, suas relações e sua identidade (Gregori, 2000). Através destas peregrinações pela cidade, os jovens da Toca de Assis exercem suas práticas salvacionistas na própria

rua: em campo, foi comum observá-los barbeando e cortando os cabelos de moradores de rua nas muretas do Terminal Central de Campinas, assim como foi comum encontrá-los munidos de instrumentos farmacêuticos limpando feridas e fazendo curativos nos pés e nas pernas de velhos e adultos que pediam esmola nas calçadas e na Rua 13 de Maio, em Campinas. Também foi comum acompanhá-los carregando mesas, cadeiras, pratos e panelas para a Praça do Carmo⁴, em Campinas, onde semanalmente se constrói um cenário de ‘sala de jantar’ destinado à população adulta de rua. Assim, diferentemente da tradicional vida religiosa oferecida pela Igreja Católica através dos mosteiros e conventos, onde temos um espaço projetado para o isolamento e o claustro em locais distantes das cidades e envoltos por grandes muros e muito silêncio, a vida religiosa da Fraternidade Toca de Assis se pauta pelo espaço da rua, na experiência urbana, no contato social intenso, no deslocamento e mobilidade constantes por estas ruas e, por fim, na relação entre espaços e sociabilidades marginais (Arantes, 2000a).

- 7 Ao abandonarem a vida escolar⁵ e familiar, os jovens da Fraternidade Toca de Assis passam a morar em casas que abrigam de 15 a 20 pertencentes da Fraternidade, somando os leitos móveis⁶ destinados ao abrigo da população adulta que habita as ruas. As casas são divididas de acordo com a função e missão que é destinada ao grupo de jovens pertencentes, os quais são separados por gênero em casas onde só moram meninos e casas onde só moram meninas. São casas comuns, localizadas em bairros residenciais e no centro das cidades, que não possuem sequer um indicativo (placas com o nome da Fraternidade ou símbolos do catolicismo, por exemplo) que as caracterize enquanto uma casa destinada a vida religiosa. Porém, possuem seus interiores completamente modificados: os espaços abertos são transformados em refeitório, barbearia e enfermaria, os cômodos são destituídos de móveis, sendo alguns transformados em capelas e outros destinados para local de descanso, para uso tanto dos jovens pertencentes como da população adulta por eles atendida. Diariamente, abrem suas portas para servir almoços, local de descanso, banho e serviços de enfermaria e barbearia à população de rua⁷. Há, desse modo, uma dinâmica onde a relação dos jovens pertencentes com a população adulta que habita as ruas começa no espaço da rua e se direciona ao espaço das casas, em um movimento de idas e vindas tanto dos jovens pertencentes, ao ir em busca dos seus “pobres”, como dos adultos que habitam as ruas, que acionam os serviços oferecidos pela Toca de Assis e depois retornam para as ruas. Esta mobilidade e a transformação tanto da lógica do interior das casas como da lógica do uso dos espaços da rua operam com um embaralhamento das noções de espaço público e espaço privado, na medida em que se torna difícil definir uma fronteira de oposição entre a casa e a rua como dois espaços de condutas sociais distintas (Da Matta, 1991). Nesse sentido, há uma constante produção de “contra-usos” de espaços disciplinados para uma certa ordem urbana (Leite, 2004), ou, de acordo com uma expressão interessante utilizada pela Toca de Assis para descrever-se, “A Toca nasceu na rua, hoje é uma rua murada.”⁸.
- 8 Atualmente, a Toca de Assis conta com 150 casas como estas espalhadas pelo país, além de uma casa em Quito, Equador e outra em Balasar, Portugal⁹; gerando uma estrutura de comunidade pulverizada espacialmente – pequenas casas em muitas cidades, a comportar de 15 a 20 pertencentes em cada casa. Ao mesmo tempo em que mantém seu senso comunitário homogeneizando certas práticas, regras e vestimentas, inculcando em seus jovens pertencentes uma hexis corporal que os deixa semelhantes uns aos outros, a Fraternidade opera com mecanismos de individuação importantes como a conversão pessoal, os testemunhos de vida e a ideia de missão individual. A missão individual parte

do pressuposto de que para cada indivíduo é destinado um dom sagrado específico, e segue uma normativa onde cada jovem pertencente deve permanecer por no máximo um ano em uma determinada cidade, ocasionando peregrinações e rupturas constantes do indivíduo com o grupo comunitário em prol de um fluxo de pertencentes. Assim, a cada período de um ano é destinado ao indivíduo uma nova missão em uma casa diferente e em uma cidade diferente, ocorrendo também neste momento um crescimento espiritual do sujeito, o qual passa por um ritual religioso onde ocorre mudança de posição assumida pelo jovem no interior da Fraternidade¹⁰. Desse modo, os jovens que decidiram pela vida religiosa na Toca de Assis não são apenas peregrinos por seus itinerários diários pelas ruas das cidades; mas estão em uma constante mobilidade entre-cidades; traçando-se um trajeto de construção da vida religiosa pautado por rupturas e reconstruções de laços comunitários; deslocamentos e re-localizações espaciais urbanas.

- 9 Com o recolhimento de algumas trajetórias de vida, constatei que os jovens pertencentes da Toca de Assis possuem uma origem sócio-econômica muito boa e que uma das principais motivações iniciais para a decisão pela vida religiosa no interior da Fraternidade era a preocupação com a desigualdade social e o desejo de transformação da mesma. Há, nesse sentido uma união entre motivação religiosa e motivação de “militância social”, de maneira que para se construir a possibilidade de ação sobre aquilo que se considera uma desigualdade social (no caso, a situação dos moradores de rua), faz-se necessário, primeiramente, desconstruir a vida pessoal do jovem pertencente, a partir da ruptura biográfica onde se abandonam os hábitos anteriores para tornar-se pobre. Em outras palavras antes de uma ação de transformação sobre a pobreza das ruas, faz-se necessário uma ação pessoal onde o jovem primeiramente transforma sua própria vida, em um movimento onde as “mudanças sociais” são obtidas a partir de soluções biográficas (Beck, 1997).
- 10 A partir dos dados apresentados, o que chama minha atenção para pesquisar este grupo no presente momento é a presença da vida religiosa da Fraternidade Toca de Assis na cidade, enquanto comunidade construtora de uma experiência religiosa que se dá a partir de uma dinâmica em que a religiosidade dos fiéis depende da ação sobre o mundo (Weber, 1982), particularmente uma ação salvacionista cujo alvo é um “problema social”, a pobreza, e um grupo específico, a população adulta que habita as ruas.
- 11 **Objetivos**
A proposta é compreender o funcionamento da Fraternidade Toca de Assis em torno do cruzamento entre a produção de religiosidade e a produção de uma noção de “exclusão social” e “pobreza urbana” enquanto um “problema social” a ser solucionado pelo viés do salvacionismo; articulando, para tal análise, as características fundamentalmente acionadas pela Fraternidade para a produção desta relação, a saber, a presença maciça de jovens em seu interior, sua estrutura pulverizada e de mobilidade, e sua experiência religiosa urbana de contato intenso. Qual é a noção de pobreza que está sendo operada pela Fraternidade, e de que forma esta noção é construída quando se conecta à religião? Como se dá a relação com a cidade e com os sujeitos que cruzam estas práticas religiosas urbanas? Como é vivenciada e acionada esta religiosidade, do ponto de vista dos jovens? Como se opera a experiência de vida religiosa católica quando a regra é uma ascese sobre o mundo, ao invés da tradicional fuga e isolamento do mesmo?
A Pesquisa de Campo
- 12 A perspectiva metodológica deste estudo parte do conceito de campo religioso definido por Pierre Bourdieu (1990). Segundo o autor, a partir do processo de secularização os

limites do campo religioso tornam-se fluidos e invisíveis, configurando-se um amplo campo de lutas e de manipulação simbólicas pela condução da vida e por uma visão de mundo. Dessa forma, o campo religioso deve ser compreendido enquanto fruto das relações com os outros campos de domínio da manipulação do simbólico. A partir desta perspectiva, o problema antropológico a ser estudado se pauta nas relações que cruzam e gravitam em torno destes jovens religiosos. O desafio é explorar os variados e possíveis confrontos de trajetórias, itinerários e eventos, instâncias sempre situadas relacionalmente, atentando para a necessidade de se compreender a articulação da diferença, a negociação do significado e a produção desta religiosidade entre o segmento jovem e a noção de pobreza construída a partir desta articulação.

- 13 Sendo o processo de deslocamento e re-localização uma característica essencial para a estruturação da experiência religiosa desta Fraternidade, ou melhor dizendo, para a estruturação não só da experiência religiosa dos sujeitos que dela participam, como também da própria composição da Toca de Assis enquanto comunidade religiosa, o campo de observação deixa de ser restrito à ideia da aldeia nativa isolada que tão bem simbolizou o delineamento das fronteiras espaciais das pesquisas de campo antropológicas. A partir do momento em que os processos formadores das fronteiras simbólicas ultrapassam a territorialidade “ilhada” das paróquias ou conventos, se espalhando em uma ampla rede de relações a envolver diversos cenários e agentes, surge o desafio metodológico em que o olhar do pesquisador torne-se tão móvel e viajante (Clifford, 2000) quanto forem os interlocutores da pesquisa.
- 14 Desse modo, a proposta metodológica para este estudo foi a de uma pesquisa etnográfica urbana¹¹, tomando a cidade de Campinas como campo inicial. Desde quando me mudei para Campinas a fim de estudar Ciências Sociais na Unicamp, moro no centro da cidade onde, no ano de 2005, começou a aparecer, nas ruas em que eu andava, um pessoal estranho andando descalço, com umas roupas engraçadas. Para mim, parecia que acabavam de sair daqueles filmes bíblicos que retratavam os tempos de Cristo, e comecei a achar que devia ser o pessoal das Artes Cênicas. Perguntava para as pessoas do bairro, todos diziam ter visto, mas ninguém sabia o que era aquilo. Um dia, quando eu estava no ônibus com um amigo da faculdade, ele me disse que aquele era o pessoal da Toca de Assis.
- 15 A aproximação com o campo se deu, primeiramente, observando aqueles jovens próximos ao local onde eu morava, e certo dia, quando eu caminhava em direção à minha casa, um grupo desses jovens caminhava bem à minha frente. De modo que desacelerei os passos para ver que caminho eles seguiriam. Percebi como eles andavam devagar, diferentemente do andar apressado das cidades grandes em plena seis da tarde. Atravessaram a rua de minha casa e continuaram por mais alguns passos, entrando em uma casa. Percebi então que aquela casa era um local de encontro, e passei a observá-la durante os dias que se seguiram. Bem em frente à casa ficava o bar Furlan, barzinho universitário que frequento muito, por estar situado na esquina de minha casa. Passei a frequentar mais esse bar nos horários de almoço e na parte da noite, por achar que dali eu podia observar de uma maneira desinteressada a casa em questão. Percebi muitas coisas interessantes a partir desta dimensão, como, por exemplo, os jovens universitários que frequentavam o bar, na medida em que ficavam embriagados, enchiam os jovens da Toca de Assis de chacos e mexiam com pertencentes femininas da Fraternidade com conotações sexuais. Percebi um fluxo constante durante o dia todo, de pessoas saindo e entrando na casa com suas vestes santas, e uma movimentação curiosa no período do

almoço, quando uma população que eu não sabia de onde vinha, homens com malas nas costas, roupas simples e um pouco sujas, se reuniam em grupos pelas redondezas da casa e depois entravam nela.

- 16 Uma noite, criei coragem e bati na porta da casa. Fui muito bem recebida por uma garota, que me explicou o que era a Toca de Assis e me mostrou o interior da casa, mostrando o que elas faziam todos os dias, como dormiam, o que pensavam, etc. Inclusive, contou que aquela casa tinha sido inaugurada naquela rua fazia dois meses. A partir desse dia, recolhi um material que eram as revistas divulgadas pela Toca de Assis e o endereço do site, e descobri mais uma infinidade de casas como essas espalhadas não só por Campinas, mas, também, por inúmeras outras cidades do Brasil. Passei a frequentar o interior da casa e comecei a ser chamada para os eventos da Fraternidade. Fui, então, pela primeira vez, a um desses eventos, que era uma Missa com o padre fundador da Fraternidade, o Padre Roberto Lettieri, onde ele entregaria novas vestes para jovens que haviam alcançado uma nova etapa na espiritualidade da Toca de Assis. Ali pude fazer diversas apreciações acerca do universo simbólico, corporal e das crenças. Chegava em casa e escrevia tudo o que via, ensaiando algumas análises com os textos que estava lendo em Antropologia, à época. Não entendia nada dos conceitos teológicos e percebia que aquele catolicismo, ali vivenciado, era muito diferente do catolicismo que minha família havia me ensinado. Depois deste primeiro evento, passei a visitar as outras casas da Fraternidade, tentando compreender a dinâmica de sua espacialização dentro da cidade de Campinas. Percebi que as casas se concentravam no centro da cidade e algumas outras se situavam nos bairros, sendo que as mais distantes eram destinadas ao acolhimento dos moradores de rua, ou seja, eles passavam a morar nessas casas junto com os jovens, como forma de se "recuperar" do mundo da rua e entrar no mundo do trabalho.
- 17 Nesta época, eu estava particularmente interessada em compreender os circuitos juvenis que haviam levado aqueles jovens, em suas trajetórias individuais, à escolha de entrar na Toca de Assis. Então me concentrei em acionar uma rede de contatos entre pessoas que estavam querendo entrar na Fraternidade e pessoas que já tinham saído da Fraternidade, além de conversar com os pertencentes, ouvindo as histórias de suas vidas. Com isso, entrei em uma rede de diversos eventos destinados ao público jovem que a Toca de Assis fomentava em Campinas e em outras cidades, justamente porque o pessoal que estava querendo entrar na Fraternidade me mostrava como achava importante e legal participar desses eventos. O intuito de contar um pouco sobre esta minha trajetória na pesquisa de campo é mostrar de que modo o campo foi me levando para determinadas questões e como foi minha primeira entrada na atividade da etnografia; isso para chegar a explanar um pouco a respeito do momento atual da pesquisa, quando tomo a rua e as relações contidas entre a Toca de Assis e este espaço como foco de visão privilegiados.
- 18 No discurso feito nos eventos, a importância dada à ação da Fraternidade em torno da pobreza urbana era patente. Porém, o campo feito no interior das casas, nas missas e nos eventos me mostrava que esta ação tão privilegiada pela Toca de Assis só poderia ser apreciada se eu fosse para a rua. Um novo desafio que se mostrou foi o de conversar com os moradores de rua que, diariamente, vão até a Toca que fica perto da minha casa no momento anterior à entrada deles na casa, quando formam seus grupos nas esquinas e esperam as portas se abrirem. Quando fiz alguns vínculos de maior proximidade, pude começar a andar com alguns desses moradores de rua pela cidade. O "andar com" os sujeitos de minha análise me fazia perceber a cidade de uma forma que não era a mesma que a minha – o caminhar, os trajetos percorridos, a descoberta de outras instituições que

oferecem comida e se transformam em pontos de encontro para esse pessoal. O desafio atual está sendo utilizar este mesmo método do “andar com” juntamente com os pertencentes da Fraternidade Toca de Assis, o que tem se mostrado mais difícil pois a recepção não é a mesma que a dos moradores de rua. As apropriações do espaço urbano pelos pertencentes da Toca de Assis que primeiramente pude observar foram o “Sopão”, onde toda as quartas-feiras transformam a praça em sala de jantar (descritos no início do texto) e a “Pastoral de Rua”, que aos sábados de madrugada percorre pontos da cidade em busca dos moradores de rua, com violão, café e cobertores. Porém é acompanhando suas práticas cotidianas pelo centro da cidade à tarde que venho encontrando os “imponderáveis” da vida social, como a apropriação de novos espaços, os primeiros encontros com moradores de rua antes desconhecidos e as atitudes insubordinadas dos moradores de rua perante a ação salvacionista dos pertencentes da Toca de Assis. Gostaria de discorrer mais a respeito da experiência de campo, mas como há um limite de páginas a ser respeitado, passarei a alguns apontamentos breves de questões que despontaram durante a pesquisa.

Discussão e Questionamentos

- 19 Tornar-se pobre e salvar os pobres. A construção do sagrado no interior da Fraternidade Toca de Assis gravita em torno da pobreza. Porém, qual é a noção de pobreza contida em seu interior e em suas práticas? De que modo esta noção é construída? Mais ainda, como esta classificação e ação no mundo é recebida pelo seu alvo de salvação, ou seja, a população adulta que habita as ruas?
- 20 Podemos perceber dois grupos distintos vivenciando duas “pobrezas” distintas: os jovens provenientes de boa condição econômica, adquirindo uma “pobreza sagrada”; e os adultos que estão na rua em má situação econômica e por motivos diversos, possuidores de uma “pobreza-problema”. O modo de aquisição do sagrado entre os jovens da Toca de Assis é semelhante ao descrito por Edmund Leach (1983), onde os barbeiros da Índia, enquanto manipuladores do sujo e do impuro eram considerados detentores de alguma potencialidade que os colocava à parte como pessoas sagradas. Nos ritos *ndembu*, o futuro chefe “...é como um escravo (*ndung’u*) na noite antes de subir ao trono” (Turner, 1974 p. 125), entrando em um estado liminar que lhe concede poder e sacralização. Os pertencentes da Toca de Assis sacralizam-se a partir do momento em que abandonam um status social ordenado (decorrente da posição de classe média em que se encontram antes da entrada na Fraternidade) e entram em contato com um grupo considerado marginal e liminar no interior da estrutura social. Enquanto jovens oriundos de uma boa situação econômica, atingem esta condição liminar e santificada porque negam um status social pleno de ordem estrutural, gerando uma transposição biográfica que fornece uma relação onde jovens cuidam de adultos. Mesmo portando largas e desleixadas vestes marrons e deixando os pés descalços enquanto elementos simbólicos relacionados a um status inferior, a imagem que os jovens pertencentes produzem é a de um grupo juvenil caracterizado pela brancura dos corpos, pela gentileza no trato, pela alegria nos rostos, pela diplomacia daqueles que ocupam as melhores posições sociais – características melhor notadas quando são vistos lado a lado com a população adulta que habita as ruas, os quais carregam a imagem da dor e do mau-trato dos que têm fome, o cheiro e a fala desordenada dos que se alcoolizam (Frangella, 2004). Nesse sentido, mesmo ocupando uma posição de “pobreza sagrada”, os jovens pertencentes da Toca de Assis parecem

“estar no lugar”, estabelecendo enquanto prática a função salvadora de “colocar no lugar” a população adulta que se encontra desordenada por habitar o espaço da rua.

- 21 Ao agirem no espaço social enquanto salvadores de um grupo, os pertencentes da Toca de Assis produzem uma categorização deste grupo, os moradores de rua, enquanto grupo que passa por uma experiência de exclusão e isolamento, uma experiência de marginalidade que ocupa o lugar da desordem, em relação a ordem divina. A rua é hoje um universo cravejado por aparatos institucionais, técnicas discursivas e operações políticas específicas (De Lucca, 2007). A Fraternidade Toca de Assis pauta sua vida religiosa em uma experiência urbana em que seus jovens pertencentes, ao tornarem-se pobres, apesar de não atingirem a mesma pobreza das ruas, vivenciam uma experiência liminar que lhes é condição para agir em prol de suas motivações para uma transformação social daquilo que consideram uma ‘desigualdade social’. Portanto, não se trata apenas de uma relação entre o grupo religioso e a pobreza das ruas, mas de uma relação que cruza questões de juventude, identidade, pertença, comunidade, rupturas biográficas, sentidos, trajetórias, visões de mundo. Tais apontamentos nos conduzem à chave interpretativa proposta por Clifford Geertz (2001), o qual coloca a necessidade de compreensão dos movimentos religiosos da atualidade sob o parâmetro analítico da tensão entre as esferas sociais a partir da experiência, do sentido, da identidade e do poder. Um estudo sobre a Fraternidade Toca de Assis pode contribuir para a análise do posicionamento da religião na configuração dos espaços públicos e políticos, na medida em que sua atuação na cidade esbarra em diversos agentes que cruzam a questão do habitar a rua, como os ‘especialistas’ (assistentes sociais, encarregados da prefeitura), os membros de outras religiões que também atuam na rua e os próprios moradores de rua.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ronaldo e MONTERO, Paula. “Trânsito religioso no Brasil” In *São Paulo em Perspectiva* vol. 15, n.o 3, 2003.

ALMEIDA, Ronaldo e CHAVES, Maria de Fátima G. “Juventude e Filiação religiosa no Brasil” In *Jovens acontecendo nas políticas públicas* Brasília: CNPD, 1998.

ARANTES, Antônio. *Paisagens Paulistanas* Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000a.

BECK, Ulrich. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas* São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

CASANOVA, José. *Public religions in the modern world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CLIFFORD, James. “Culturas Viajantes” In ARANTES, Antonio A. *O Espaço da Diferença* Campinas, SP: Papirus, 2000b.

DA MATTA, Roberto. *A Casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DE LUCCA, Daniel. *A rua em movimento – experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua São Paulo, SP*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. FFLCH/USP, 2007.

FRANGELLA, Simone M.. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo* Campinas, SP. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. IFCH/Unicamp, 2004.

GREGORI, Maria Filomena. *Viração: experiências de meninos nas ruas São Paulo*. Companhia das Letras, 2000.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea* Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Aracaju, SE: Editora UFS, 2004.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia* Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.

WEBGRAFIA

Toca de Assis

NOTAS

1. A idade média dos jovens acompanhados durante a pesquisa variava entre 14 a 25 anos.
2. Nesta pesquisa, chamei de ‘processo de construção da vocação’ a maneira como se dava a entrada dos jovens na Toca de Assis. Para isso, optei por investigar os jovens que estavam entrando na fraternidade, os que já estavam inseridos e os que haviam abandonado a fraternidade. Desse modo, pude levantar uma rede de relações (entre espaços religiosos e não-religiosos) que levaram estes jovens a tomar conhecimento e a se aproximarem da vida religiosa proposta pela Toca de Assis.
3. Para uma ótima análise acerca do morador de rua, mendigo ou esmoleiro enquanto categoria socialmente construída a partir de um jogo de múltiplos agenciamentos urbanos, conferir De Lucca, 2007.
4. Essa praça comporta bares e um espaço ao ar livre muito freqüentado diariamente por jovens, constituindo um ponto de lazer, música e bebida. Os dias dos jantares marcam um contraste interessante entre os dois lados da praça (separados por uma rua), onde vemos jovens namorando e se embriagando, de um lado; e jovens rezando e cuidando de alimentar os participantes do jantar, de outro.
5. A partir de um discurso muito presente Fraternidade, o qual diz que “a faculdade da Toca é a rua”, os jovens pertencentes são impelidos a freqüentarem a escola até o término do ensino médio, não havendo qualquer incentivo à intelectualidade ou ao ensino universitário. Há mesmo um certo repúdio ao intelectualismo, que segundo a Fraternidade faz as pessoas tomarem um tempo desnecessário com livros ao invés de doarem seu tempo aos que sofrem e precisam de ajuda. Durante a Iniciação Científica, conheci muitos jovens que abandonaram cursos universitários a fim de entrarem para a vida religiosa da Toca de Assis.
6. Chamo de “leitos móveis” algumas camas improvisadas que existem nessas casas, que se tornam leitos temporários para aqueles sujeitos em situação de rua que decidem morar por um tempo juntamente com os jovens pertencentes. Normalmente os que ficam por tempos maiores encontram-se em estado de saúde muito debilitado, e em idade avançada.
7. Um dado importante é que nos espaços das casas, a Fraternidade Toca de Assis atende somente pessoas de idade igual ou superior a 40 anos, interditando com isso jovens e até mesmo alguns adultos mais novos. Este dado, entre outros, sugere um tipo específico de classificação da pobreza

que deve ser salva, assim como da pobreza que lhes serve como alteridade para a construção de uma vida religiosa pautada no “tornar-se pobre”.

8. Frase encontrada nos discursos, no site (www.tocadeassis.org) e na revista da Toca de Assis (Revista Toca prá Igreja), durante a pesquisa realizada.

9. Este expansionismo internacional é recente, datando de 2007 a abertura destas duas casas. Este dado me suscita várias perguntas, como por exemplo, de que modo as classificações de pobreza manipuladas pela Fraternidade se # adéquam a realidades sociais distintas, como uma realidade européia e uma realidade latina? Quais são as redes acionadas para que uma religiosidade de origem brasileira se expanda desse modo?

10. Há um sistema gradativo de crescimento espiritual o qual é inculcado nos sujeitos em uma dimensão corporal muito forte, através de inscrições em seus corpos com vestimentas, símbolos e demarcações. As escalas dessa ‘hierarquia’ são o “aspirantado”, o “postulantado”, o “noviciado” e a “consagração”. O significado e os ritos de passagem entre as escalas foram desenvolvidos em meu relatório final da pesquisa de Iniciação Científica.

11. Devido ao limite de 12 páginas proposto para os “papers”, optei por dar privilégio aos resultados e análises teóricas e interpretativas decorrentes da pesquisa de campo realizada. Desse modo, a pesquisa de campo não aparecerá aqui de maneira tão elaborada como eu desejaria. Porém, optei por esquematizar um recorte, para a apresentação oral, que enfoque privilegiadamente o campo, às andanças pela cidade, aos desafios enfrentados e ao processo de inserção e descobertas. Assim, o “paper” tem o intuito de apresentar o objeto de investigação e falar um pouco dele; já a apresentação oral se deterá mais em contar a minha experiência de campo.

AUTOR

FLÁVIA SLOMPO PINTO

Graduanda – UNICAMP